



O grito que ainda ecoa

Livro-reportagem *Jornalista gaúcho relembra as manifestações de 2013 e evidencia um processo que não se iniciou nem se encerrou em junho daquele ano*

Quinta-feira, 20 de junho de 2013. Mais de um milhão de pessoas preenchia as ruas de centenas de cidades em todos os estados do país. As causas que pautavam os gritos e cartazes das mobilizações eram diversas: saúde, educação, transporte, combate à corrupção. A data foi o ápice de um movimento que ficou conhecido como as Jornadas de Junho, que marcaram 2013 como o ano em que muitas lutas populares se desenvolveram nas ruas, de uma maneira que não se via há mais de duas décadas, quando das mobilizações pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor.

Esse movimento, na verdade, teve como berço a capital gaúcha e nasceu pela aliança de diversos setores da esquerda em defesa do transporte público gratuito como parte do direito à cidade. Não foi espontâneo, pelo contrário: foi

resultado de um processo que se desenrolava em Porto Alegre há mais de um ano, iniciado com a reivindicação pelo direito de utilizar os espaços públicos da cidade e contra a sua apropriação pela iniciativa privada.

É o que conta o jornalista Alexandre Haubrich no livro *Nada Será Como Antes - 2013, o ano que não acabou, na cidade onde tudo começou*, lançado pela editora Libretos. Alexandre, que esteve presente nas mobilizações como jornalista e manifestante, reconstrói em 216 páginas os acontecimentos da época em Porto Alegre, indo do episódio da queda do Tatu em 2012 — manifestação que resultou na queda do boneco símbolo da Copa do Mundo — às manifestações na Copa em 2014, esclarecendo que os protestos fizeram parte de um processo muito mais complexo

do que apenas os movimentos de junho.

Em formato de reportagem, a obra narra os acontecimentos em ordem cronológica, contextualizados e descritos de forma detalhada, conforme o resgate da memória do autor e os depoimentos de cinco entrevistados que, de diferentes formas, estiveram envolvidos nas mobilizações da época. A narrativa conta como, dia a dia, as manifestações foram tomando corpo e se tornando mais complexas, ganhando novas reivindicações e fazendo com que a direita e a esquerda ocupassem as ruas.

Para Alexandre, as alterações provocadas pela mobilização abrangem mudanças tanto institucionais como sociais. “2013 mudou o ambiente social para o bem e para o mal. A direita foi às ruas e aprendeu a usá-las como

um espaço de luta. Por outro lado, o Brasil, definitivamente, entrou na era dos novos movimentos, que aproximam a ação num território com a ação nas redes sociais e que são mais horizontalizados”, comenta o jornalista.

O livro é uma leitura essencial para entendermos que 2013 não pode ser reduzido a junho, e que as jornadas não podem ser reduzidas a um acontecimento

promovido apenas pela esquerda ou pela direita. Ele resgata a lembrança de um momento complexo que, mesmo ainda carregando algumas incógnitas, segue se desdobrando e mostrando suas caras no presente.

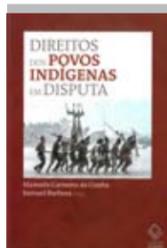
Isabel Linck Gomes,
estudantes do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



FLAVIO DUTRA/ARQUIVO JU - JUNHO 2013



Nada Será Como Antes – 2013, o ano que não acabou, na cidade onde tudo começou
Alexandre Haubrich
Porto Alegre: Libretos, 2018
216 páginas
R\$ 30,00 (preço médio)



Direitos dos Povos Indígenas em Disputa
Manuela Carneiro da Cunha e Samuel Barbosa (Orgs.)
São Paulo: Unesp, 2018
367 páginas | R\$ 69,00 (preço médio)

Embasamentos para a defesa

“O esforço despendido pelos autores deste livro é o de explicitar os riscos da adoção do mecanismo do marco temporal/renitente esbulho que lança à sombra o pactuado na Constituição.” Assim sintetiza Samuel Barbosa, um dos organizadores, o ponto central do livro *Direitos dos Povos Indígenas em Disputa*, o qual se concretizou a partir de seminário de mesmo nome realizado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – onde Samuel é docente – em novembro de 2015. O que movia o debate dos participantes do evento e dos autores do livro era a questão formulada pela também organizadora Manuela Carneiro da Cunha: “Povos indígenas, expulsos de seus territórios em pleno século XX, perdem seu direito às terras?”. Sim, é o que vem respondendo em seus julgamentos o Supremo Tribunal Federal (STF), jogando para os índios o ônus de provar que continuaram resistindo fisicamente ou pelas vias judiciais – condições que provariam o renitente esbulho (roubo das terras pela expulsão de seus habitantes) – até 5 de outubro de 1988, data da

promulgação da Constituição Federal e que constitui o alardeado marco temporal. Os textos presentes na publicação – alguns mais próximos do estudo acadêmico que aprofunda casos bem específicos, outros mais próximos do discurso jurídico, outros ainda com discussões teóricas ou reconstituições históricas – formam um conjunto eclético, oferecendo diferentes entradas, de acordo com o perfil de cada leitor. Essencial tanto para quem começa a tomar contato com o tema dos direitos indígenas quanto para quem quer se aprofundar na discussão, a obra traz conteúdo consistente que serve de embasamento para a defesa dos direitos territoriais desses povos, como é o caso do parecer apresentado pelo advogado e professor aposentado da Faculdade de Direito da USP José Afonso da Silva. Em outra frente, Carlos Frederico Marés de Souza Filho, professor da PUC-PR, aponta o descompasso entre a noção de tempo no Direito, estreitamente ligada aos direitos individuais, e a questão indígena, que envolve povos essencialmente coletivos. (Felipe Ewald)



Carnaval Subjetivo
Diego Petrarca
Porto Alegre: Class, 2018
99 páginas | R\$ 35,00 (preço médio)

Experimentação total

Cheio de referências implícitas e de sofisticação literária, *Carnaval Subjetivo* faz jus ao seu nome: versos livres convivem com outras formas e expressões poéticas, marcando a obra por experimentações visuais expressas no tamanho e no tipo da letra e nos espaços em branco da página. Sétimo livro do porto-alegrense Diego Petrarca, o volume reúne poemas escritos entre 2015 e 2018. A temática se volta à paternidade, ao tempo e à busca do sentido da vida, além de, sutilmente, criticar a sociedade massificada e a verdade absoluta. A estrutura do todo se completa por meio de poesia: primeiro, há poemas pequenos, seguidos de um longo e finalizando com frases artísticas nas duas últimas partes. *Plantapés*, por exemplo, é um poema segmentado que descreve o desejo do ‘eu’ lírico por uma personagem anônima que dança à sua frente. O foco aqui está direcionado à experiência que impulsiona o desejo carnal da primeira pessoa, além de uma fabulada obsessão pelos pés. O amor próprio feminino, de certo modo, também é referenciado nos versos pelo autor.

Em *Slogans*, o movimento concretista aparece não tanto na forma, mas nas palavras, já que a contundência de certas frases basta por si. O sentimento causado no leitor é de, principalmente, surpresa. A escolha do tipo de letra, por outro lado, sugere um caráter expositivo, remetendo o leitor a placas informativas. Já em *Placas da Baixa*, a tipografia dos poemas traz a estética urbana, aproximando o leitor da rua. Nomes de bares, boates, cafés e restaurantes do bairro Cidade Baixa, de Porto Alegre, são recriados e redimensionados com um fim poético, causando sentidos inusitados e, ao mesmo tempo, plenamente possíveis. O autor poetiza, assim, letrados do bairro boêmio da capital gaúcha usando a intertextualidade. De modo geral, a obra nos remete diretamente à experiência cotidiana do autor, que a transforma por meio do seu olhar sensível em palavras escritas. E o resultado é esse: poemas concisos, repletos de musicalidade e lirismo, elaborados a partir de um impulso espontâneo com uma escrita fragmentada, mas sem perder a unidade. (Carolina Pastl)